

## Dulcina de Moraes e a Fundação Brasileira de Teatro

Alvaro de Sá

Programa de Pós Graduação em Teatro – UNIRIO

Mestrado – Teatro e História – Or. Maria de Lourdes Rabetti

Bolsa CAPES

Professor do Departamento de História – Casa das Artes de Laranjeiras

Resumo: Dulcina de Moraes era considerada na década de 50 “a primeira dama” do teatro nacional. Convencida da necessidade de investir na profissão do ator resolveu criar uma escola de teatro. Por isso, em 1955, inaugurou a Fundação Brasileira de Teatro. Durante treze anos, a FBT funcionou no Rio de Janeiro, formando alguns dos mais importantes atores, diretores, cenógrafos e críticos que atuaram ativamente no teatro brasileiro. No final de década de 60, por causa de dificuldades financeiras, a FBT se transferiu para Brasília, aonde continua formando atores até hoje.

Palavras-chave: Dulcina, escola, formação, profissionalização, atores

Fazer teatro é a maneira mais agradável de viver. O teatro nos dá tantas vidas. Sou uma encantada pela vida porque encontrei o teatro; foi o teatro que me ensinou a amar a vida. É por isso que tenho uma grande dívida para com o teatro, tantas foram as coisas boas que ele me deu. Para dar algo em troca, tentar pagar essa imensa dívida é que resolvi criar a Fundação Brasileira de Teatro, com sua academia e associação (MORAES; 1956).

Essa entrevista, dada por Dulcina de Moraes a *Revista Teatro Brasileiro* em 1956, dá-nos a dimensão da paixão e do trabalho incansável realizado pela atriz durante toda a sua trajetória ligada ao teatro brasileiro.

A Atriz era considerada a “força motriz” da escola desde a sua criação. Sérgio Viotti fala sobre essa dedicação total:

Há anos vem sendo assim. Dulcina não tem mais vida própria. De fato, jamais a teve. Comandada, como sempre por deveres profissionais. Agora, mais do que nunca, A Fundação Brasileira de Teatro – a FBT, ou apenas a Fundação – vem sempre antes (...). A Fundação ela dedica seu trabalho e toda a sua energia. Sua vida, enfim. (VIOTTI; 2000: 14-15)

Dulcina de Moraes dedicou-se integralmente à *FBT* desde 1955 até a sua morte em 1996. Mas, conforme nos chama a atenção Sérgio Viotti, ela não tinha uma vida particular própria, “*de fato, jamais a teve*”. Esse fato se explica ao observarmos que ela iniciou sua carreira como atriz aos 15 anos, em 1923, na *Companhia Brasileira de Teatro*. Mas a sua projeção como atriz vai se dar dois anos depois, quando é contratada por Leopoldo Fróes para representar ao seu lado na peça *Lua Cheia*, de André Birabeau, em 1925.

A partir daí Dulcina desenvolveu uma marca registrada – caras e bocas e sua gargalhada - inconfundível nos palcos Brasileiros. Marcada por enorme histrionismo ao

representar papéis em *Boulevards* e *Vaudevilles*; ela se firmou nos palcos cariocas nos anos 30 até conhecer Odilon Azevedo – com quem se casa. Eles fundam a Cia. *Dulcina – Odilon*, em 1934. Em 1945 ela vai ser considerada o elo de transição para o teatro moderno no Brasil ao montar a adaptação do romance *Chuva*, de *Somerset Maughan*, no qual encarnava o papel da prostituta *Sadie*.

Considerada por muitos estudiosos “a primeira dama” do teatro nacional na década de 50, ela estava convencida da necessidade de investir na profissão do ator. Por isso, no dia 7 de Julho de 1955, inaugurou oficialmente a Fundação Brasileira de Teatro, no Teatro Dulcina.

Dulcina, após uma visita a Buenos Aires, em 1955, em que conheceu a *Casa Del Teatro*, retornou ao Brasil disposta a dirigir seus esforços à formação técnica dos atores Brasileiros. Ela afirmou anos depois:

Voltei louca de vontade para fazer alguma coisa pela classe teatral. Tentei ser presidente da Casa dos Artistas, não deixaram. Não acreditavam em mim como administradora. Um dia conversando com Humberto Salles, ele me disse: “Dulcina, não vão deixar você fazer nada! Porque não começa outra coisa?” Eu queria somar, não dividir. Surgiu então a idéia da Fundação. Coisa Diferente, uma coisa séria. Para isso precisava de um patrimônio. Fui ao Odilon (Azevedo, meu marido!) e perguntei se ele dava o Teatro Dulcina que recém tínhamos comprado para ser patrimônio da Fundação. Assim, eu e Odilon doamos nosso teatro para a Fundação Brasileira de Teatro (MORAES; 1980).

Outras instituições de formação teatral já existiam no Rio de Janeiro quando os cursos da Fundação foram criados: A Escola Martins Pena (1908), O Conservatório Nacional de Teatro (1937), O Tablado, de Maria Clara Machado (1951) e O Teatro Duse (1952), organizado por Paschoal Carlos Magno, além da Escola de Arte Dramática, fundada em 1948 em São Paulo, por Alfredo Mesquita. Mas, segundo José Eudes, o diferencial entre essas escolas e a *FBT* seria: “A qualidade dos cursos oferecidos e o quadro de professores, formado por nomes importantes do ambiente artístico da época” (Eudes, 1980).

A *FBT* conseguiu atrair um número elevado de alunos por causa da qualidade dos seus cursos oferecidos e do corpo docente formado por nomes importantes do teatro da época:

<i>“Corpo Docente</i>	<i>Disciplinas</i>
<i>Professores</i>	<i>Direção</i>
<i>Adolfo Celi</i> .....	<i>Psicologia</i>
<i>Athayde Ribeiro</i> .....	<i>Teoria do Teatro</i>
<i>Adonias Filho</i> .....	<i>História do Teatro</i>
<i>Cecília Meireles</i> .....	<i>Interpretação</i>
<i>Dulcina de Moraes</i> .....	<i>Oratória</i>
<i>Eurico Marques</i> .....	

Henriette Mourineau.....	Interpretação
Joracy Camargo.....	História do Teatro
José Paulo Moreira da Fonseca.....	Historia da Arte
Junito de Souza Brandão.....	História do Teatro e Mitologia
Kalma Murtinho.....	Indumentária
Líliá Nunes.....	Dicção – Técnica Vocal
Maria Clara Machado.....	Improvisação
Raquel Binot.....	Expressão Corporal
Silva Ferreira.....	Direção
Victor Binot.....	Cenografia
Ziembinski.....	Direção”

(Relatório de atividades FBT; 1960)

O eixo de formação da *Fundação Brasileira de Teatro* estava dividido em quatro cursos: para atores, diretores, cenógrafos e um curso de oratória para professores.

Em 1960, o *Jornal do Brasil* destacou a importância da Fundação no panorama teatral Brasileiro:

O que a Fundação Brasileira de Teatro vem fazendo em benefício do teatro é digno dos mais calorosos louvores; vem despertando no público dos subúrbios mais distantes o gosto pelo palco, firmando platéias interessadas pela arte de representar. (MAURÍCIO; 1960)

Irene Ravache, em uma entrevista a Simon Khoury, explicitou a influência que absorveu da Dulcina/pedagoga na *FBT*:

Quando comecei a estudar teatro, a primeira frase que escutei foi: “O teatro é uma arte de equipe”, e essa frase foi dita na Fundação Brasileira de Teatro por Dulcina de Moraes. Desde então acreditei nisso piamente e passei a agir de acordo com esse ensinamento. (RAVACHE; 1994: 30)

Claudio Correa e Castro também analisa na sua entrevista dada a Simon Khoury a influência da sua formação na *FBT*:

A Mnemotécnica não funciona comigo (...). Marco todo o texto – uma técnica que o diretor Adolfo Celi me ensinou quando fiz o curso de direção com ele e o Ziembinski na Fundação Brasileira de Teatro (FBT). Meu texto fica sendo quase uma partitura teatral. (CASTRO; 1994: 158)

José Paulo Moreira, que participou da escola como professor desde a sua inauguração, nos esclarece sobre o espírito de trabalho que reinava na *Fundação*:

Participei da Fundação e da escola desde o seu início. É importante insistir sobre a atmosfera que reinava: um interesse apaixonado pelo teatro. E não havia espírito de “igrejinha”, ao contrário, ocorria um contínuo intercâmbio de “descobertas”. Dulcina era alguém muito ouvida, seguida, porque vivia servindo a todos. Ainda hoje mantém o entusiasmo pela arte cênica. Não envelheceu, não envelhece, pois vive densamente pela “Arte”. (FONSECA; 1980: 1 - 2)

Para podermos perceber o dado modernizador que significou a inauguração da *FBT*, devemos atentar para os vários fatores sócio-político-econômicos que envolvem o Brasil desde a gestão de Gustavo Capanema, na década de 30, como Ministro da Educação, e as transformações que o Brasil sofreu nas décadas de 40 e 50, que forjam uma imagem de um Brasil moderno. Os alunos/atores da *FBT* não iriam apenas conquistar

uma base técnica de qualidade, mas também dignificar a figura do profissional de teatro e promover o aperfeiçoamento pessoal/artístico de cada um deles e da cultura brasileira.

Dulcina de Moraes afirmou que foi somente a partir do momento em que começou a se dedicar a lecionar na *FBT*, que entrou em contato com o processo de trabalho Stanislavskiano. Em uma reportagem Dulcina discute essa nova mentalidade:

Quando comecei a dar aulas precisei estudar, metodizar – me para poder comunicar aos alunos a minha mensagem. Pesquisei muito. Fui procurar os mestres e encontrei este homem maravilhoso e controvertidíssimo (por incompreensão) que é Stanislavski. Metodizou todo o processo criador e toda a sensibilidade e emoção. (MORAES; s/d)

Metodizar, pesquisar. Uma Dulcina que se metodizou e se fez moderna?

Durante treze anos seguidos, a *FBT* funcionou no Rio de Janeiro, formando alguns dos mais importantes atores, diretores, cenógrafos e críticos que atuaram ativamente no teatro Brasileiro tais como: Rubens Corrêa, Ivan de Albuquerque, Yan Michalski, Cláudio Corrêa e Castro, João das Neves, Telma Reston, Jacqueline Laurence, Isolda Cresta, Irene Ravache, Nildo Parente, entre outros.

No final de década de 60, por causa de dificuldades financeiras, Dulcina resolveu transferir a *FBT* para Brasília, aonde continua formando atores até hoje. Segundo Yan Michalski, que se formou na primeira turma de direção da escola: “*A Fundação Brasileira de Teatro chegou a constituir – se numa das melhores escolas de teatro já surgidas no Brasil.*” (MICHALSKI, 1981).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ata de fundação da Fundação Brasileira de Teatro. 1955. In: *Dossiê Fundação Brasileira de Teatro*. CEDOC/ FUNARTE.

CASTRO, Cláudio Correa. In: KHOURY, Simon. *Bastidores / Tônia Carreiro, Henriqueta Briebe, Cláudio Correa e Castro, Paulo Gracindo*. Rio de Janeiro: Editora Leviatã, 1994.

EUDES, José. Trabalho de Pesquisa sobre a Fundação Brasileira de Teatro. In: *Dossiê FBT 1960/ 1980 – CEDOC/FUNARTE*.

FONSECA, José Paulo. 1980. In: *Dossiê Fundação Brasileira de Teatro*. CEDOC/ FUNARTE.

O Globo. Obituário. RJ. 29/07/1996. *Dossiê Dulcina de Moraes 1980 – 1996*. CEDOC/FUNARTE.

MAURÍCIO, Augusto. Jornal do Brasil -20/09/1960. RJ. In: *Dossiê FBT 1960/ 1980 – CEDOC/FUNARTE*.

MICHALSKI, Yan. O Maior dos Pecados. Jornal do Brasil. RJ. 25/07/1981. In: *Dossiê Dulcina de Moraes 1980/1996* – CEDOC/FUNARTE.

MORAES, Dulcina. Programa em Revista sem data – Num tempo sem Tempo. Dulcina: O Futuro da Consciência. Entrevista dada por Dulcina de Moraes a Macksen Luiz. In: *Dossiê Dulcina de Moraes 1980 - 1996*. CEDOC/FUNARTE.

MORAES, Dulcina. Correio Brasiliense. 25/02/1980. Entrevista. In: *Dossiê Dulcina de Moraes 1980/1996*. CEDOC/FUNARTE.

MORAES, Dulcina. REVISTA TEATRO BRASILEIRO. Realização pelo teatro. Maio/Junho 1956. In: *Dossiê Dulcina de Moraes 1935 – 1978*. Cedoc/Funarte.

RAVACHE, Irene. In: KHOURY, Simon. *Bastidores II Irene Ravache, Marco Nanini, Aimée, Armando Bógus*. Rio de Janeiro: Editora Leviatã, 1994.

*Relatório das atividades da Fundação Brasileira de Teatro*. 1955. Dossiê Fundação Brasileira de Teatro. CEDOC/ FUNARTE.

*Relatório das atividades da Fundação Brasileira de Teatro*. 1960. Dossiê Fundação Brasileira de Teatro. CEDOC/ FUNARTE.

VIOTTI, Sérgio. *Dulcina e o Teatro do Seu Tempo*. Lacerda Editores. RJ. 2000.